

# HERMANN MATHIAS GÖRGEN

(Wallerfangen, Alemanha, 1908; Bonn, Alemanha, 1994)



Hermann Mathias Görgen, o amigo do Brasil.  
Acervo: Dora Schindel; Arqshoah/Leer-USP.

## *Um emaranhado de fios*

É assim que defino a história de vida de Hermann Mathias Görgen: um emaranhado de fios na trama da história dos exilados no Brasil. Até décadas atrás, o currículo de Görgen nos remetia quase que exclusivamente às relações culturais entre Alemanha e Brasil, por onde ele havia transitado como presidente da Sociedade Teuto-Brasileira, encarregado do Departamento de Imprensa e Informações para Assuntos Especiais na América Latina do governo federal da Alemanha e editor dos *Cadernos Germano-Brasileiros* [*Deutsch-Brasilianische Hefte*].<sup>A</sup> Em janeiro de 1979, Görgen publicou o seu primeiro relato sobre os acontecimentos que forçaram a sua viagem para o Brasil em 1941: “Wie der Vatikan uns rettete. Flucht vorden Nazis durch Europa und über den Atlantik” [“Como o Vaticano nos salvou escapar dos nazistas através da Europa e do outro lado do Atlântico”] no primeiro número da *Katholische Nachrichten-Agentur*, com circulação em Bonn, Roma e Berlim. Em 1994, Christine Hohnschopp e Frank Wend inseriram o tema “Die Gruppen Görgen” na exposição *Exil in Brasilien: die deutschsprachige Emigration 1933-1945* [*Exílio no Brasil: emigração de língua alemã de 1933 a 1945*] organizada pela Deutschen Bibliothek de Frankfurt em 1994. Os espólios de Hermann Matthias Görgen e Doris Schindel encontram-se sob a guarda dessa mesma instituição que mantém um importante arquivo sobre o exílio (KLESTER, 2003, p. 105).

No Brasil, muito pouco se conhecia sobre a trajetória desse exilado alemão, informação que, somente na década de 1990, começou a ser divulgada por ocasião de uma grande exposição

**A-Hermann Mathias Görgen:** doutor em Filosofia pela Universidade de Bonn (1933), professor da Faculdade de Filosofia de Salzburg (1938) e da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Juiz de Fora, Minas Gerais (1950), diretor-geral da Radiofusão do Sarre (1955) e deputado federal pela União Social-Cristã (1957). Autor de várias obras, entre as quais *Brasilien* (Editora Pinguin-Insbruck), colunista semanal de jornais e rádios latino-americanos, tradutor de obras brasileiras para a língua alemã, membro da delegação alemã à 47ª Conferência da União Parlamentar no Rio de Janeiro (1958) e enviado especial do chanceler Adenauer, para entrega de mensagem especial ao presidente da República do Brasil (1959). Ganhou muitos prêmios e condecorações no Brasil e na Alemanha.

realizada no Centro Cultural São Paulo: *Brasil, um refúgio nos trópicos: a trajetória dos refugiados do nazi-fascismo* [*Brasilien, Fluchtpunkt in den Tropen: Lebenswege der Flüchtlinge des Nazi-Faschismus*]. Essa mostra indicava, ainda que discretamente, o nome desse filósofo e professor que viveu 14 anos no Brasil. A mostra iconográfica – organizada por Dieter Strauss, diretor do Instituto Goethe de São Paulo, com a curadoria de Tucci Carneiro – apresentava Görgen como exilado antinazista. A ideia de incluir Görgen como um dos personagens da exposição atendia aos objetivos da mostra de colocar em evidência a postura antissemita do Brasil diante do nazismo e dos refugiados judeus que haviam procurado refúgio no Brasil.

O ponto de partida para a inclusão de Görgen nessa exposição foi uma carta encaminhada por ele em meu nome [Tucci Carneiro], datada de 8 de maio de 1990. Nessa missiva, o filósofo alemão contava que, após ter lido o livro *O anti-semitismo na Era Vargas*, de minha autoria, havia se identificado como um dos refugiados que vivera exilado no Brasil entre 1941 e 1954, trazendo consigo outras 48 pessoas. Anunciava, sem muitos detalhes, que havia trazido para Juiz de Fora (MG) um grupo composto de 29 homens, 15 mulheres e três crianças, muitos dos quais judeus fugitivos políticos. Todos corriam risco de morte se continuassem na Alemanha abalada pelas perseguições e pelas leis antissemitas colocadas em prática pelo *Terceiro Reich* desde 1933. Até então, havia poucas informações sobre essa empreitada humanitária de Görgen que, além das dificuldades enfrentadas na Europa ocupada pela Alemanha, teve que lidar com as Circulares Secretas que barravam a entrada no Brasil dos fugitivos do nazismo. Desse cenário surgem as seguintes perguntas: “Quem eram os

integrantes do Grupo Görgen?” e “Como conseguiram os vistos, considerando que muitos eram judeus alemães?”<sup>A</sup> (CARNEIRO, 1986, 1996, 2003, 2010).

Anos depois, o nome de Görgen ganharia espaço na historiografia teuto-brasileira como uma das personalidades mais importantes no contexto da história do exílio no Brasil.<sup>B</sup> Em 1998, Maria José de Queiroz, amiga de Görgen, publicou o livro *Os males da ausência*, no qual consta o texto “Hermann Mathias Görgen (1908-1994), amigo do Brasil”. Ainda que as *Memórias* de Görgen continuassem inéditas, Queiroz nos introduzia aos estudos sobre literatura de exílio investigada na biblioteca pessoal dele e no acervo da Deutsche Bibliothek de Frankfurt. Em 2003, a Editora da Universidade de São Paulo (Edusp) traduziu e publicou *Exílio e literatura*, de Izabela Maria Furtado Kestler, um dos mais completos estudos sobre o tema. Baseada em documentos inéditos, essa obra foi fundamental para a elaboração deste texto (QUEIROZ, 1998, p. 600-610; KESTLER, 2003).

## A lista de Görgen

Até 1996, a única lista que ocupava o nosso imaginário era a do filme *A lista de Shindler*, dirigida por Steven Spielberg e lançado no Brasil em 31 de dezembro de 1993. Conhecíamos uma outra lista, sem roteiro cinematográfico mas com valor de documento histórico: *Liste der auf Grund der Austauschgeschäfte Ausgewandarten* [*Lista dos emigrados em função de negócios de troca*], que, após ser citada no catálogo *Brasil, um refúgio nos trópicos*, inspirou o romance histórico *A travessia da terra vermelha: uma saga dos refugiados judeus*

**A**-Cartas de Hermann Mathias Görgen, presidente da Deutsch-Brasilianische Gesellschaft e.V. (Sociedade Teuto-Brasileira), a Maria Luiza Tucci Carneiro, da Universidade de São Paulo. Bonn, 26 de julho de 1990; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas*, 1ª ed. S. Paulo: Brasiliense, 1988, atualmente na 3ª ed. pela Editora Perspectiva. Cf. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil. Um refúgio nos trópicos: a trajetória dos refugiados do nazi-fascismo* [Brasilien, *Fluchtpunkt in den Tropen: Lebenswege der Flüchtlingedes Nazi-Faschismus*]. Tradução Dieter Strauss e Angel Bojadsen. São Paulo: Estação Liberdade, Instituto Goethe, 1996. p. 121.

**B**-Obras publicadas sobre Hermann Mathias Görgen e a esposa Dora Schindel. Cf. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Cidadão do mundo”, op. cit., p. 153, 156, 158; KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura*. São Paulo: Edusp, 2003. p. 104-106; HOHNSCHOPP, Christine; WENDE, Frank. “Die Gruppe Görgen”. In: \_\_\_\_\_. *Exil in Brasilien: die deutschsprachige Emigration 1933-1945*. Leipzig, Frankfurt: Die Deutschen Bibliothek, 1994.

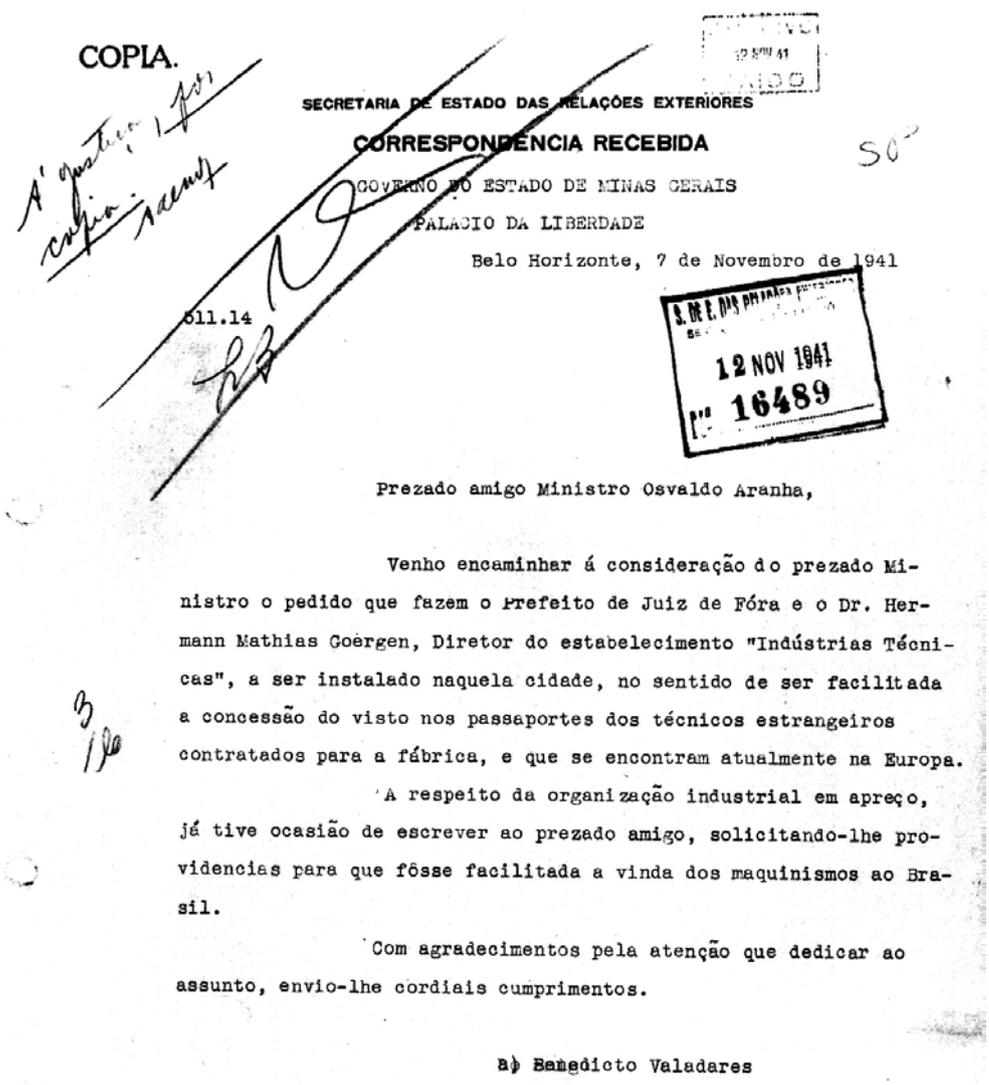
no Brasil, de Lucius de Mello (2007, 2017). A lista traz os nomes dos envolvidos com os “negócios triangulares” organizados por Johannes Schauff, favorecendo a entrada no Brasil de um grupo de judeus alemães que haviam adquirido terras no norte do Paraná. A operação era realizada por meio de um conjunto de contas vinculadas com a Paraná Plantations Company.<sup>A</sup> Com esse depósito, os ingleses compravam material ferroviário da indústria pesada alemã (trilhos, vagões e locomotivas) com o objetivo de construir uma linha ferroviária que saía de São Paulo em direção ao norte do Paraná. Assim, valendo-se dessa estratégia, o alemão Johannes Schauff conseguiu levar para Rolândia (norte do Paraná) 145 refugiados, muitos deles judeus.<sup>B</sup>

Ao longo dos anos, à medida que novos documentos eram revelados sobre a história de Görgen, percebíamos algumas similaridades entre estes personagens: Oskar Shindler, Johannes Schauff e Mathias Görgen. Os três salvaram judeus cujos nomes estão documentados no formato de lista, acobertando os subterfúgios acionados para a sobrevivência. Tanto Shindler como Görgen “montaram” fábricas para acolher judeus que corriam risco de morte. No entanto, Oskar Schidler era realmente um empresário alemão da Morávia, com a diferença de ser membro do Partido Nazista e interessado em fazer fortuna lucrando com a guerra. Schidler havia adquirido uma fábrica para produzir painéis para o Exército, subornando os oficiais da *Wehrmacht* e da *Schutzstaffel* (SS) em troca de contratos. Görgen, por sua vez, era um intelectual, não judeu, que montou uma “pseudofábrica” em Juiz de Fora para abrigar um grupo de refugiados do nazismo, a maioria judeus.

**A-Negócios triangulares:** Johannes Schauff atuava em Berlim, onde era encarregado de divulgar a oferta de terras no Brasil, favorecendo a compra tanto para católicos como para judeus perseguidos pelo nazismo. A Paraná Plantations mantinha contas em vários bancos alemães onde os interessados faziam depósitos equivalentes aos preços das propriedades a serem compradas. Por esse câmbio, o comprador recebia um título que lhe garantia um determinado lote de terras: “comprava-se no escuro”. Essa foi uma das raras oportunidades em que os judeus tiveram para transferir capital para o Brasil, operação impossível de ser realizada após 1936. Aqueles que possuíam um lote de terras e visto de entrada conseguiram salvar-se dos campos de concentração e extermínio. Segundo Schauff, esse projeto realizou entre 16 e 18 permutas, envolvendo 145 pessoas. Cf. CARNEIRO, op. cit., p. 137-138.

**B-Lista de Johannes Schaulff envolvendo as famílias:** Fendel, Schlieper, Stettiner, Koch-Weser, Fust, Nau, Schauff-Mager, Dietz, Giesen, Bredemann, Bismark, Schrank, Hasselberger, Hans, Graf Galen, Pöhlmann, Fritzsche, Sekles, Kircheim, Altmann, Lidenberger, Rohr, Heinemann, Kronsfoth, Wohlmuth, Weber, Schneider, Hamberger, Richter, Schöpfflein, Güth, Levy, Stein, Lehmann, Traumann, Lippmann, Moskowsky, Tessmann, Jung, Speer, Sessler, Wöff, Flatau, Adler, Kuntz, Pawell, Loeb-Caldenhof, Plúer, Gottheiner, Stern, Maier, Löwenfeld e Wasser. Cf. CARNEIRO, op. cit., p. 137-138.

A fábrica de Schindler estava instalada no coração do gueto de Cracóvia, exatamente no momento em que o tenente Amon Göth da SS ali chegava para supervisionar o novo campo de concentração de Płaszów, ou seja, no calor do terror e da violência nazista. A fábrica dirigida por Görgen – na qual os refugiados aplicaram 600 dólares para financiar o investimento de capital e a vinda para o Brasil – ficava em Minas Gerais, numa pacata cidade do interior do estado, instalada em um pequenino e simples sobrado. Enfim, distantes



Ofício de Benedicto Valadares, governador de Minas Gerais, a Osvaldo Aranha solicitando “facilidades” para o estabelecimento do Grupo Görgen em Juiz de Fora. Belo Horizonte, 7 de novembro de 1941. Acervo: AHI/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

do terror e do mundo europeu, dito civilizado, os operários de Görden eram homens e mulheres, intelectuais e artistas.

Segundo Görden, na segunda carta de 26 de julho de 1990, o seu grupo era composto de 38 judeus e outros (aos quais ele pertencia), os chamados “arianos”, refugiados políticos no sentido restrito da palavra”. Disposto a colaborar com o seu testemunho, adiantava que existiam livros que tratavam do assunto da emigração judaica para o Brasil, mas não existia propriamente um arquivo com documentação, sobretudo acerca desse tema. E assim nos alertava: “Não leve a mal se lhe previno contra o valor histórico de testemunhos. Estou com quase 82 anos e aprendi a escrever história com os melhores métodos da história da Alemanha. É preciso muito cuidado na avaliação das fontes” (GÖRGEN, 1990, p. 1).

A trama dos fios dessa história começou a ganhar forma a partir de novas descobertas. Por coincidência, um ofício encontrado no Arquivo Histórico do Itamaraty do Rio de Janeiro, de 7 de novembro de 1941, havia sido incluído na mostra *Brasil, um refúgio nos trópicos*, mas sem informações que ajudassem a entender o conteúdo dele. Publicado no catálogo bilíngue da exposição (o primeiro na historiografia brasileira sobre o tema), o ofício colocava em evidência duas figuras-chave do governo Vargas: Osvaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil, e Benedicto Valadares, interventor do governo Vargas pelo estado de Minas Gerais. No ofício, Valadares solicitava ao então chanceler Aranha que facilitasse a concessão de vistos nos passaportes dos técnicos estrangeiros contratados pelo diretor do estabelecimento Indústrias Técnicas, a ser instalado na cidade de Juiz de Fora. Lembrava também que, “a respeito da organização industrial em apreço”, já havia solicitado “ao prezado amigo” providências “para que fôsse facilitada a vinda de maquinismos ao Brasil”.

## ***O exílio de Görden***

Antes de tornar-se um exilado político camuflado de empresário das Indústrias Técnicas no Brasil, Görden era um importante intelectual na Alemanha, discípulo do Prof. Dr. Friedrich Wilhelm Foerster (1869-1966), acadêmico, educador, pacifista e filósofo alemão. Embora vivessem em cidades distintas – Foerster em Paris e Görden em Bonn –, ambos eram

ferrenhos opositores ao nacional-socialismo na Alemanha. No Saar, zona de agitação política por ocasião do plebiscito, Görgen era filiado ao Partido *Zentrum*, da oposição católica, e figura *non grata* por seus escritos na imprensa clandestina antinazista. Como tal, passou a ser perseguido a partir da ascensão de Hitler ao poder em 1933 e, logo após o incêndio do *Reichstag*, foi obrigado a esconder-se no Mosteiro de Vallender, de São Bartolomeu. Apesar de correr perigo, deixou o convento, voltou para Bonn e envolveu-se com a resistência em Colônia. Entre 1934 e 1935, Görgen colaborou para o jornal *Neue Saarpost*, de Johannes Hoffmann, líder político na luta contra a incorporação da região do Saar ao *Terceiro Reich*.<sup>A</sup>

Em 31 de dezembro de 1934, segundo Maria José de Queiroz, Görgen recebeu um telegrama cifrado do irmão Hans e de Johannes Hoffmann alertando-o sobre uma denúncia feita por Hugo Hagen que entregara à *Gestapo* uma lista com os nomes de estudantes e intelectuais que militavam contra Hitler. Após a derrota das forças políticas contrárias à incorporação do Saar ao *Terceiro Reich*, Görgen fugiu para Salzburgo, na Áustria, graças às boas relações de Foerster com o príncipe arcebispo Siegmund Waltz que o recebeu como assistente no Instituto de Pesquisa para História Espiritual Alemã. O salário era garantido por Waltz e Foerster. Nesse momento, Görgen passou a militar na resistência ao lado da Frente Patriótica da Áustria, do primeiro-ministro Engelbert Dollfuss. Aliou-se ao círculo político dos “Legitimistas”, monarquistas que lutavam pelo direito do arquiduque Otto von Habsburg ao trono da Áustria e da Hungria. Foi quando Görgen aproximou-se do

A-Friedrich Wilhelm Foerster nasceu em Berlim, em 2 de junho de 1869. Suas obras trataram principalmente do desenvolvimento da ética por meio da educação, sexologia, política e direito internacional. Em 1920, publicou seu livro *Mein Kampf gegen das militaristische und nationalistische Deutschland* [*Minha luta contra a Alemanha militarista e nacionalista*], que lhe rendeu ameaças de morte de radicais de direita. Após Matthias Erzberger e Walther Rathenau terem sido assassinados, Foerster foi obrigado a buscar refúgio na Suíça em 1922 e na França em 1926. Identificado como grande inimigo intelectual do nacional-socialismo, teve seus livros queimados publicamente em Berlim, em 10 de maio de 1933. Com a ocupação da França em 1940, foi forçado a fugir para a Suíça que lhe negou asilo por ter adotado nacionalidade francesa. Fugiu para Portugal e, de lá, para os Estados Unidos, radicando-se em Nova York, onde viveu até 1963. Passou seus últimos anos de vida em Kilchberg, perto de Zurique (Suíça), onde faleceu em 9 de janeiro de 1966, aos 96 anos.

duque de Hohenburg, filho do arquiduque Francisco Ferdinando, assassinado em Saravejo no início da Primeira Guerra Mundial. Nesse momento, ao visitar o castelo de Arstetten, teve a oportunidade de pesquisar no acervo do duque onde localizou documentos que tratavam de um plano para a formação de uma monarquia federativa que deveria substituir a monarquia austro-húngara. A partir dessa pesquisa, Görgen escreveu o livro *A Áustria e a ideia do império*, em parceria com Josef Heilig.<sup>1</sup> (QUEIROZ, 1998, p. 600-601).

Até a anexação da Áustria ao *Terceiro Reich* em 1938, Görgen colaborou com a revista *Christlicher Ständestaat*, editada em Viena a partir de 1934. Com a ocupação da Áustria pela Alemanha, Görgen teve o seu livro *A Áustria e a ideia do império* queimado no auto de fé nazista, configurando assim o seu perfil de “herege”, criminoso político segundo os dogmas do *Terceiro Reich*. Obrigado a fugir novamente, Görgen contou com a ajuda de Milan Hodza, cuja correspondência com o duque de Hohenburg havia pesquisado no acervo do castelo de Arstetten. Encontraram-se em Praga, tornaram-se amigos e, após a ocupação da Áustria, Hodza, então ministro, deu ordem ao ministro da Tchecoslováquia em Viena, Jizerski Kuenzl, para retirá-lo dali a qualquer custo. Nesse momento, com ajuda de Alzbieta Bernbaunová, em 72 horas, recebeu um passaporte tcheco com o nome de Hans Heller. Sua verdadeira identidade foi resgatada graças à ajuda, novamente, de Hodza, que lhe conseguiu um contrato como correspondente do jornal *Národní Politika*, em Zurique. Passou a escrever também para a revista cristã *Pax-Korrespondenz* de Paris, além de colaborar para a revista *Mass und Wert*, dirigida por Thomas Mann, também exilado (QUEIROZ, 1998, p. 602).

Görgen sobreviveu como jornalista até o momento em que Hitler ocupou a Tchecoslováquia. Com a validade do passaporte vencida, conseguiu renovação e, em 1940, encontrou-se com Foerster que vivia em Annecy, perto de Genebra. No entanto, desde agosto de 1938, a Suíça não se mostrava tão acolhedora aos exilados alemães, postura revelada na documentação liberada pelos arquivos do Conselho de Estado Federal da Suíça, recém-abertos à consulta pública na capital Berna. Desde agosto de 1938, Heinrich Rothmundque, chefe da Polícia Suíça de Estrangeiros, havia colocado em execução a lei de deportação de todos os estrangeiros

---

1 Segundo Maria José de Queiroz (1998, p. 601), esse plano “propunha autonomia dos povos eslavos concedendo-se direitos iguais às demais etnias – tcheca, eslovaca, servo-croata, húngara, búlgara, romena. Se essa federação ecumênica tivesse visto a luz, a Europa não teria talvez conhecido as duas grandes guerras nem... quem sabe? o genocídio da Bósnia”.

em território suíço. A partir dessa data, muitos cidadãos judeus encontraram dificuldades para entrar na Suíça durante a guerra, e os que estavam em território suíço foram presos e até mesmo deportados ou entregues à polícia nazista. Em 1940, por exemplo, dezenas de refugiados alemães classificados como “pobres” que tentavam fugir ilegalmente para a Suíça eram barrados na fronteira e transportados de volta para a Alemanha.

Segundo pesquisas de Maria José de Queiroz (1998, p. 602), Foerster tentou convencer seu ex-discípulo Görgen a partir em sua companhia para os Estados Unidos:

Inútil. O jovem filósofo tinha outros planos: ficar e lutar. Como conhecia bem, Foerster incumbiu-o da missão mais arriscada: organizar a partida de alguns foragidos políticos que haviam trabalhado com ele. A esse grupo de intelectuais somavam-se doze pessoas “racial e politicamente indesejáveis”, judeus que viviam em um campo de concentração suíço. Engajado na missão, Görgen dela faz a sua luta contra Hitler. A pouco e pouco, outras pessoas se juntam ao primeiro grupo. Ao balanço final, tinha, sob a palavra, a vida e as esperanças de quarenta e cinco homens e mulheres, judeus na sua maioria.



Maria José de Queiroz e Hermann Mathias Görgen. Bonn, 1985.  
Acervo: M.J. Queiroz; Arqshoah/Leer-USP.

## ***Um projeto político-humanitário***

Annecy, 1940. Foi, nesse local e ano, que Görgen recebeu de Foerster a incumbência de colocar em execução um importante projeto político-humanitário: buscar asilo para um grupo de 45 pessoas ligadas a ele. Difícil missão, pois, naquele momento, vários países europeus e americanos negavam-se a receber os refugiados políticos. Görgen saiu em busca de um país que aceitasse acolher um grupo de 45 pessoas, oferecendo-lhes abrigo por tempo indeterminado.

Graças à intermediação de Hoo-Chi-Tsai, enviado chinês da Liga das Nações, Görgen contactou o cônsul-geral do Brasil em Genebra, Milton Cesar de Weguelin Vieira, que aceitou conceder os vistos ao grupo fazendo “vista grossa” às regras impostas pelo Itamaraty por meio de Circulares Secretas. Desde 1937, o governo de Getúlio Vargas mostrava-se contrário às correntes imigratórias de judeus. Em nome de Osvaldo Aranha, ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil, Hildebrando Accioly havia informado ao cônsul Weguelin Vieira “que o Brasil não desejava absolutamente a vinda para o nosso país daqueles elementos [leia-se judeus]”. Levando em consideração os argumentos de Görgen, o cônsul brasileiro resolveu ajudá-los desde fossem aceitas algumas condições no prazo de 24 horas:

- os judeus deveriam apresentar novos passaportes, pois muitos ainda portavam documentos carimbados com o “J” vermelho, marca estigmatizante imposta pelos nazistas;
  - deveriam ingressar no país como “católicos romanos”, pois, além do Reich não estar permitindo a saída da Suíça dos judeus alemães, o governo brasileiro estava disposto apenas a encarar com simpatia as correntes imigratórias de refugiados católicos que, em número de dez mil, já se achavam fora da Alemanha e da Áustria em situação miserável;
  - todos do grupo deveriam ter a condição de empresários ou técnicos, profissionais bem-vindos por representarem um fluxo imigratório financeiramente forte. Daí o projeto previa a criação de uma empresa que possibilitasse a sobrevivência dos membros do grupo no exílio.
- (CARNEIRO, 2010, p. 153-156)

Com as horas contadas, Görgen percorreu os arredores de Genebra em busca de paróquias que aceitassem emitir falsos atestados de batismo com carimbos e selos cristãos para todo o grupo. Com a ajuda do Saarlander Franz Weber, capelão auxiliar em Zurique, e de um

membro do Grupo Görgen, além de outros clérigos, foi possível apresentar os comprovantes de batismo que garantiam a “descendência ariana” dos membros do grupo. Os passaportes tchecos foram conseguidos com a ajuda de Jaromir Kopecky, encarregado dos negócios checos em Genebra, e de Edvard Beneš, presidente da República Tcheca exilado em Londres. Esses “falsos” passaportes substituíram os antigos que continham o “J” vermelho estampado na capa.

Outro obstáculo: além dos vistos de entrada no Brasil, Görgen deveria conseguir vistos de trânsito para a França, Espanha e Portugal, e os de retorno. Interferiu aqui o núncio apostólico Filippo Bernardini em Berna e o Vaticano que ajudaram a obter esses vistos para todos do Grupo Görgen. Além dos amigos, inúmeras instituições envolveram-se nessa empreitada antinazista que deve aqui ser interpretada como uma ação conjunta de resistência: *Comité International pour le Placement des Intellectuels Réfugiés*, *Schweizerischen Caritasverband* (Associação Suíça Caritas) e *Landeskirchlichen Flüchtlingshilfe*. Alguns dos membros do Grupo Görgen tiveram de ser libertados dos campos de concentração como aconteceu com Susanne Eisenberg, colega do colégio de Dana Roda Becherdes de Munique, que, desde 1940, encontrava-se grávida e internada no campo de Gurs, na França. Sua vida dependia da apresentação do passaporte tcheco que estava sendo providenciado por Görgen, item que explica a sua nacionalidade inscrita na ficha consular de qualificação emitida em 28 de fevereiro de 1941. Em suas memórias, Susanne Eisenberg (1991 apud ECKL, no prelo, p. 5) se lembrou do seguinte:

Meu passaporte checo com o visto brasileiro foi enviado para Marselha e esse passaporte já tinha “minha” assinatura sem que não tivesse sido válido. A secretaria checa na Liga das Nações passou tal documentos que, porém, autorizou os portadores apenas a uma única viagem e não à cidadania checa.

# A lista de Gørgen

CERTIFICADO Nº13.-

fol 9

MILTON CESAR DE WEGUELIN VIEIRA

Cônsul Geral dos Estados Unidos do Brasil em Genebra

- CERTIFICA a pedido do Dr. Hermann Gørgen, que as pessoas abaixo mencionadas conseguiram nesta Repartição o visto consular de imigração para o Brasil, em conformidade com o Decreto nº3.010, de 20 de Agosto de 1938, e que os vistos em apreço são validos por 90 dias contados da sua data até a do embarque (artigo 41 do referido Decreto) :

Altmann, Walter,  
Gieler, Arnost,  
Gloss, Jan,  
Gloss, Marketa,  
Gloss, Valerie,  
e seus três filhos,  
Gørgen, Hermann M.,  
Kreiser, Walter,  
Schindel, Dora,  
Beckmann, Heinrich,  
Dinkelman, Gønter,  
e sua esposa Ester,  
Dorfmann, Jan,  
Eisenberg, Suzanne,  
Fuerstenthal, Hermann A.,  
Gefter, Max,  
Gefter, Léopoldine,  
Goldschmidt, Fred.  
Becher, Ulrych,  
Becher, Dana,  
Hálek, Waldemar,  
Hoffmann, Jean Jacques,  
Weber, Frantisek,

Jacobovics, Waldtraut,  
Grünbaum, Jan,  
Hórak, Filipp,  
Kämpfer, Otto Walter,  
Lackler, Hans,  
Löffel, Cecilie,  
Mahlmann, Alfred,  
Mariánek, Jaroslav,  
Metsch, Gerhard,  
Philipp, Pavel,  
Raichmanas, Ester,  
Simoncsicz, Josef,  
Fehlmann, Alice,  
Schadler, Bedrich,  
Schadler, Grete,  
Schlesinger, Maria,  
Schmid, Gebhard,  
Wassermann, Jiri,  
Wygodzinsky, Petr.  
Becher, Richard,  
Becher, Elise,  
Tomberg, Artur,  
Wind, Erwin.

- Em fé do que e para constar onde convier mandei lavrar o presente certificado que assino e vai selado com o selo deste Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil em Genebra, aos dez dias do mês de Abril de mil novecentos e quarenta e um.

O Cônsul Geral :

Em tempo se declara : Embarque:

De acòrdo com o dicionário Cândido de Figueredo, embarque quer dizer entrar num comboio para se transportar de um a outro lugar; no caso vertente, de Genebra para o Rio de Janeiro.



T. 57.-  
8\$000 ouro,  
ou Frs.s.36,00

Documento assinado por Milton Cesar de Weguelin Vieira, cônsul-geral do Brasil, autorizando a emissão de vistos para o Grupo Gørgen. Genebra, 10 de abril de 1941.

Acervo: AHI/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

## ***Preparativos para a fuga***

A cooperação da polícia suíça de estrangeiros foi fundamental nesse processo, mas todos estavam cientes de que a Suíça era um “país de trânsito” que permitia a saída dos refugiados. A sensação de medo e insegurança pairava entre os integrantes do Grupo Görgen como podemos constatar em um informativo que circulou entre eles com o objetivo de prepará-los para a longa travessia desde Genebra até o Rio de Janeiro, em trânsito pela França, pela Espanha e por Portugal. Esse documento, produzido em Genebra em 14 de março de 1941, traz orientações para a viagem de trem (dentro do território europeu) e de navio, separadas em sete itens e um extenso “lembrete”. Ninguém deveria chamar a atenção das autoridades alfandegárias para as bagagens, compra e câmbio de moeda estrangeira. Baseada nas “últimas informações”, a circular tratava especificamente dos seguintes assuntos: roteiro da viagem, diferentes preços para a liberação dos vistos na Suíça, França e em Portugal, organização dos refugiados em pequenos grupos, alimentação, dinheiro, bagagem, pagamento de impostos sobre as passagens e alfândega.

Até 14 de março de 1941, os vistos portugueses ainda não haviam chegado, mas já estavam a caminho, segundo informou uma “fonte particular” de Lisboa. Os vistos de retorno estavam garantidos, e a carga já havia sido enviada. A orientação era a seguinte: “Assim que os vistos portugueses chegarem, todos deverão ir a Genebra no dia 17 do mês, à noite”. Possivelmente para não chamar a atenção, a bagagem foi dividida em dois lotes:

a. A bagagem maior, despachada em Genebra, deve seguir lacrada até PortBou e de lá para Barcelona como bagagem acompanhada. Preço: 1 franco por kg até Barcelona. Esta bagagem não é aberta na fronteira francesa.

b. A bagagem de viagem imprescindível, isto é, coisas que se quer conservar junto da pessoa. Podem ser levadas de 30-40 kg de Genebra. Entretanto, recomenda-se de forma encarecida reduzir essa bagagem ao mínimo (b) para evitar controles demorados na fronteira francesa.

c. Para transporte da bagagem na Espanha, a partir de Barcelona, vale o seguinte: Na Espanha e em Portugal cada um tem 30 kg de bagagem livre no vagão. São, portanto, despachados 30 kg e o restante é levado consigo na vago. Em Madri, a bagagem deve ser declarada na alfândega, de modo que ela passe pela fronteira Espanha-Portugal até o armazém alfandegário

em Lisboa. Na fronteira portuguesa, o comprovante da passagem deve ser reescrito e pago o transporte de Lisboa.

*Lembrete:*

Provável roteiro de viagem:

Partida de Genebra, Gare des Eaux Vives, 16h40. Logo se chega à estação da fronteira francesa, Annemasse. Aqui se faz a declaração referente ao dinheiro e acontece o primeiro controle de bagagem. O controle do dinheiro é às vezes severo. As menores somas devem ser declaradas. Permanência na fronteira francesa: cerca de 1 hora. Viagem de trem a Nîmes, cerca de 3 h da madrugada, Narbonne, 9 h da manhã. Cerbère (na hora do almoço, às vezes só as 14h). Aqui novamente controle do dinheiro com auxílio dos formulários de câmbio preenchidos e controle de bagagem. De Cerbère a PortBou, onde são controlados os passaportes e que pode, às vezes, ser demorado. [...] Aos casais aconselha-se que a mulher tenha dinheiro consigo, pois senão ela será fatalmente revistada. [...] De PortBou a Barcelona, viagem de ônibus de muitas horas. [...]

Não levar muita comida... [...] Cigarros parecem causar milagres na Espanha...

Peço encarecidamente, desde já, que se deve evitar toda conversa em voz alta e todo comportamento fora do normal. A França perdeu a guerra e não lhe agrada ouvir sons alemães. Espero também, de cada um, comportamento reservado e amável para os funcionários da alfândega, do trem, dos carregadores e de todo o pessoal de serviço. (CIRCULAR DE GÖRGEN apud KESTLER, 2003, Apêndice 2, p. 263-266)

## ***Divisão do Grupo Görgen***

**Grupo 1:** Dirigente: engenheiro Kreiser.

Membros: Ulrich Becher, Dana Becher, Pavel Philip, Eduard Hoffmann, (na França Susanne Eisenberg).

**Grupo 2:** Dirigente: engenheiro Halek.

Membros: Helmut Dinkelman, Ilse Dinkelman, Georg Wassermann.

**Grupo 3:** Dirigente: engenheiro Gefter.

Membros: Philip Hórák, Leopoldina Gefter, Jaroslav Marianek, Heinrich Beckmann.

**Grupo 4:** Dirigente: engenheiro Grünbaum.

Membros: Gebhard Schmid, Caecilie Löffel, Jan Dorfmann (na França).

**Grupo 5:** Dirigente: Dr. Fürstenthal.

Membros: Peter Wygodzinsky, Otto Kämpher, Esther Reichmanaité, Erwin Wind.

**Grupo 6:** Dirigente: Fred Goldschmid.

Membros: Dora Schindel, Maria Schlesinger, Gret Schadler.

**Grupo 7:** Dirigente: engenheiro Gloss.

Membros: Joseph Simoncsicz, esposa e filho, Ernst Gisler.

**Grupo 8:** Dirigente: Peça que se mantenha à minha disposição [\*Hermann Görgen] para a direção geral: Alfred Mahlmann e, como intérprete para a Espanha e Portugal, Fred Goldschmid. (CIRCULAR DE GÖRGEN apud KESTLER, 2003, Apêndice 2, p 265-266)<sup>A</sup>

Cruzar fronteiras era como ultrapassar “montanhas” e vencer a frieza daqueles que pouco se importavam com a sorte dos judeus na Europa ocupada. O antissemitismo rondava os países sob regime fascistas como Portugal e Espanha. Durante a fuga, as paradas para inspeção da bagagem e conferência da documentação transformaram-se em momentos de terror e apreensão. Görgen chegou a contar a Maria José de Queiroz (1998, p. 602-603) uma ocorrência que o deixou em pânico:

Antes de atravessar a fronteira da Espanha, um policial escolhe, aleatoriamente, cinco/seis/sete/nove/onze/treze volumes, que ele deveria descer das prateleiras e abrir para vistoria. Se o fizesse, Görgen sabia-se irremediavelmente condenado: os seus livros tinham passado por auto de fé

<sup>A</sup>-Circular na íntegra disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=AWYICG\\_KTQoC&pg=PA266&lp-g=PA266&dq=Josef+Simoncsicz&source=bl&ots=eZrATCmzAV&sig=ptS-05qp1dsxAF4Y3054o7wro4s&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi3jMLQsYTdAhUCkJAKHSViC-gQ6AEwAXo-ECAkQAQ#v=onepage&q=Josef%20Simoncsicz&f=false](https://books.google.com.br/books?id=AWYICG_KTQoC&pg=PA266&lp-g=PA266&dq=Josef+Simoncsicz&source=bl&ots=eZrATCmzAV&sig=ptS-05qp1dsxAF4Y3054o7wro4s&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi3jMLQsYTdAhUCkJAKHSViC-gQ6AEwAXo-ECAkQAQ#v=onepage&q=Josef%20Simoncsicz&f=false)>. Acesso em: 12 set. 2018.

e as malas assinaladas continham livros e documentos altamente comprometedores. Que faz? Confiando na sua intuição – que lhe dizia impossível que tal inspetor se lembrasse das malas todas, apontadas a esmo – só abre as que continham roupa e objetos de uso pessoal. O homem libera-o, permitindo-lhe seguir viagem.

## *Cartografia do exílio*

Rota de fuga nada fácil, se considerarmos que a Suíça, entre 1940 e 1944, estava cercada por territórios controlados pela Alemanha nazista e por países sob regimes fascistas. A França, desde 10 de maio de 1940, estava ocupada pela Alemanha nazista, a Espanha governada por Francisco Franco desde 30 de janeiro de 1938 e Portugal por António de Oliveira Salazar desde 5 de julho de 1932.

**Ponto de partida:** Genebra (Suíça).

**Rota de fuga:** Genebra > Gare des Eaux-Vives > Annemasse (fronteira francesa) > Nîmes > Narbonne > Cerbère > PortBou > Barcelona (Espanha) > Madrid (Espanha) > Lisboa (Portugal).

**Porto de chegada:** Rio de Janeiro (Brasil).

**Comunidade de destino:** Juiz de Fora (MG).



De Genebra (Suíça) a Juiz de Fora, MG (Brasil).  
Google Maps.



De Genebra (Suíça) a Juiz de Fora, MG (Brasil).  
Detalhe do Google Maps.

## ***O desembarque no Brasil***

Toda travessia implica um grande vazio e o desprendimento do “eu”. Apesar das dificuldades impostas pela guerra e pelo terror antisemita que abalava as comunidades judaicas europeias, o Grupo Görgen – que incluía a romancista Susanne Bach, o escritor Ulrich Becher, o biólogo Alfred Goldschmidt, o publicista Walter Kreiser, o músico Georg Wassermann, entre outros – desembarcou no Rio de Janeiro como uma equipe de “técnicos” que pretendiam montar uma indústria no Brasil. Todos os membros do grupo tiveram que ser admitidos como empregados dessa empresa. Os candidatos ao exílio deveriam assumir o compromisso de trabalhar pelo menos dois anos na empresa e fazer um depósito de 600 dólares, dos quais 400 figurariam como investimento de capital por dois anos e 200 seriam a ajuda de custo a ser recebida por cada um inicialmente. Os recursos seriam enviados, via Estados Unidos, ao Brasil a partir de 1941 (KESTLER, 2003, p. 105).<sup>A</sup>

A-Essa articulação está descrita em Görgen (1979 apud KESTLER, op. cit., p. 105).

Finalmente, depois de percorrer uma rota de fuga arriscada atravessando a França, Espanha e Portugal, o grupo conseguiu embarcar em Lisboa, em 27 de abril de 1941, viajando a bordo do vapor Cabo de Hornos. Apenas dois passageiros viajaram a bordo do vapor Cabo de Buena Esperanza. Após 14 dias de viagem, os refugiados chegaram ao Rio de Janeiro em 11 de maio de 1941, hospedando-se provisoriamente em diferentes hotéis e pensões: Pensão Astória, Hotel Atlântida, Hotel Londres e Hotel Metrópole. O eclesiástico Frantisek Weber hospedou-se na Avenida Copacabana nº 195, Filipi Horák na sede da Legação Tcheca e Otto Walter Kampfer

Hermann Mathias Görden

na Rua Senador Vergueiro nº 90. Chamados de “tchecos”, receberam as primeiras lições de português.

Pairava no ar um clima de medo e tensão, pois o governo brasileiro havia radicalizado a sua postura hostil em relação à entrada de judeus no Brasil. Naquele momento, passageiros

1086 da 13ª lista

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pòrto de destino

Nome por extenso..... Hermann Mathias GÖRGEN  
Admitido em território nacional em caráter..... permanente  
(temporário ou permanente)  
Nos termos do art. 24 - - - letra - - - - - do dec. n. 3.010, de 1938  
Lugar e data de nascimento Ceske Budejovice, 23/Dez./1908  
Nacionalidade..... tcheco Estado civil solteiro  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Adam Görden e Gertruge Zimmer. Profissão..... professor  
Residência no país de origem..... Não tem.

NOME	IDADE	SEXO
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....

FILHOS MENORES DE 18 ANOS {  
.....  
.....  
.....

Passaporte n. 57/1940 expedido pelas autoridades de Legação da Tchecosl. Washington, na data 5 Setembro de 1940, visado sob n. 9, em 18 de Janeiro de 1941.

ASSINATURA DO PORTADOR: Hermann Mathias Görden

SELO CONSUL: Consulado Geral do Brasil em Genebra.  
18 de Jan. de 1941  
O CONSUL: Milton de Magalhães Vieira  
Consul Geral

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

1083 nº 19 da 5ª lista

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pòrto de destino

Nome por extenso..... Dora SCHINDEL  
Admitido em território nacional em caráter..... permanente  
(temporário ou permanente)  
Nos termos do art. 24 - - - letra - - - - - do dec. n. 3.010, de 1938  
Lugar e data de nascimento Munich, em 16 Nov. 1915  
Nacionalidade..... polonesa Estado civil solteira  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Moritz Schindel e Amalia Bier. Profissão..... ass. química  
Residência no país de origem..... Não tem.

NOME	IDADE	SEXO
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....

FILHOS MENORES DE 18 ANOS {  
.....  
.....  
.....

Passaporte n. 521/1/38 expedido pelas autoridades de Consulado G. da Polonia em Munich, na data 16 de Março de 1938, visado sob n. 16, em 22 de Janeiro de 1941.

ASSINATURA DO PORTADOR: Dora Schindel

SELO CONSUL: Consulado Geral do Brasil em Genebra.  
18 de Jan. de 1941  
O CONSUL: Milton de Magalhães Vieira  
Consul Geral

Nota—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Fichas consulares de qualificação de Hermann Mathias Görden e Dora Schindel, emitidas pelo consulado-geral do Brasil em Genebra, em 18 de janeiro de 1941.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

de outros vapores, como o Cabo de Buena Esperanza, foram proibidos de desembarcar e obrigados a tentar abrigo em outros países da América do Sul.

Da capital da República, o Grupo Görgen seguiu para Juiz de Fora, onde finalmente, em novembro de 1941, foi fundada a empresa Indústrias Técnicas (Intec). A cidade foi escolhida por abrigar uma comunidade de descendentes alemães originada da colônia D. Pedro II e da construção da estrada de ferro. Esses primeiros imigrantes germânicos residiram na vila operária, denominada Villagem, onde hoje estão os bairros São Pedro, Borboleta, Mariano Procópio e Fábrica.<sup>A</sup> A Intec tinha como sede uma pequena casa na Avenida Francisco Bernardino, no centro da cidade mineira. Segundo os estudos de Kestler, Queiroz e Eckl, pesquisadoras do exílio para o Brasil, a Intec atendia às encomendas de santinhos e medalhinhas do padre Pinto, um taumaturgo da Ucrânia, além de vender “de tudo um pouco”: chapas de flandres, vasos e válvulas sanitárias e ornamentações de ferro batido. Johannes Hoffmann, o ex-chefe político do Saar, tornou-se chefe do almoxarifado da Intec, onde Görgen era o diretor. Walter Kreiser, segundo Eckl, cuidou de implementar a produção da fábrica.<sup>B</sup>

A empresa, no entanto, não progrediu porque alguns membros do grupo saíram de Juiz de Fora e também por conta dos empecilhos no envio, via Estados Unidos, dos recursos para o Brasil a partir de 1941. Como era de se esperar, a Intec fechou, e a maioria dos refugiados optou por residir no Rio de Janeiro, em São Paulo e Porto Alegre. Görgen, por sua vez, reconstituiu a vida ao lado da companheira Dora Schindel:

**A-Juiz de Fora (MG):** Desde as suas origens, Juiz de Fora apresenta-se como um município vocacionado para a indústria e a cultura. Na década de 1920, a cidade projetou-se como um importante polo industrial identificado pelo codinome “Manchester Mineira”, abrigando uma população, na sua maioria, de operários. Ficou conhecida também pela gastronomia alemã que contribuiu para o desenvolvimento urbano e econômico da região, com a produção e difusão da cerveja desde 1860 na Colônia de Cima (São Pedro), a Cervejaria Barbante, fundada por Sebastian Kunz, seguida de nove outras cervejarias. Destacou-se também pela produção do pão alemão que, pelo seu valor histórico e cultural, tornou-se Patrimônio Imaterial de Juiz de Fora, no ano de 2010, por meio do Decreto nº 1.506/2010. A cerveja e o pão alemão são presenças constantes nas tradicionais festas da comunidade de seus descendentes, como a Festa de São Pedro e a Festa Alemã, esta última realizada no bairro Borboleta. A cidade mantinha também sofisticados programas culturais e jornais editados desde 1870 pela Confraria Literária Mineira, fundada em 1896. Por sua vocação literária, atraía um grande número de poetas, jornalistas e educadores (*DIÁRIO OFICIAL*, 2013).

**B-**Segundo a historiadora Marlen Eckl (no prelo), “Hoffmann foi um bom amigo dos irmãos mais velhos de Görgen. Hoffmann era fundador e redator-chefe da *Neue Saarpost*. Após a assim chamada *Saarabstimmung* (votação do Sarre) em que a população do estado Sarre decidiu a favor de uma anexação ao Terceiro Reich, em 1935, Hoffmann fugiu primeiramente para a França e em seguida para Luxemburgo. Em 1940, após a invasão dos nacional-socialistas na França, foi internado em Audierne no Departamento Finistère na Bretagne e depois da capitulação da França conseguiu fugir para Marselha e ficou lá escondido num mosteiro até a fuga para o Brasil. No Rio Hoffmann trabalhou como uma espécie de *factótum* na Embaixadora canadense. Logo após o fim da guerra Hoffmann, ainda em 1945, voltou para o Sarre onde se tornou o primeiro ministro do estado. Foi também Hoffmann que convidou Görgen para retornar a sua pátria. Hoffmann faleceu em Völklingen em 1967”.

### *Hermann Mathias Görgen*

Görgen comprou um sítio na colônia D. Pedro, onde plantava árvores frutíferas e capim especial para enchimento de colchões. Os produtos agrícolas eram comercializados por sua companheira de exílio, Dora Schindel, com quem viveu até a morte. Em 1954, Görgen retornou a Europa, filiando-se ao partido cristão popular do Saar. De 1957 a 1961 Görgen foi deputado do partido cristão-democrata no parlamento alemão. Em 1958 Görgen esteve de novo no Brasil, desta vez como dirigente da Seção América Latina do Parlamento alemão, cargo que ocupou até 1973. Por ocasião desta primeira visita ao Brasil após o retorno, Görgen foi agraciado com a ordem do Cruzeiro do Sul. Anos mais tarde veio a receber também a ordem do Rio Branco. De 1960 até o falecimento, Görgen dirigiu a Sociedade Teuto-Brasileira, criada por ele, e o Centro Latinoamericano em Bonn. Além disso, Görgen publicava a revista *Deutsch-Brasilianische Heftel/Cadernos Germano-Brasileiros*. Além disso, foi agraciado com o



Fachada da casinha que abrigava a Intec, na Avenida Francisco Bernardino, em Juiz de Fora, s.d.

Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

Reproduzida de *Painel Acadêmico*, Juiz de Fora, 27 jan. 2017. Disponível em: <<http://painelacademico.uol.com.br/painel-academico/8384-hermann-g-rgen-o-alemao-que-salvou-vidas-do-holocausto-em-juiz-de-fora>>. Acesso em: 11 set. 2018.

título de doutor honoris causa das universidades do Paraná e do Ceará, e tornou-se cidadão honorário de várias cidades brasileiras (KESTLER, 2003, p. 106).

Dora Schindel, uma das refugiadas e companheira de Görgen, assim descreveu a Intec e as ações do marido:

A fábrica era uma atividade muito alheia, já que ele era um homem dedicado às letras, sem experiência alguma como diretor de fábrica. Mesmo depois da guerra, Görgen começou a salvar novamente muitas pessoas. Ele sempre recebia cartas dos acampamentos de “pessoas sem lugar”, ou pessoas forçadas a fugir de suas pátrias. Todos pediam a ele ajuda para conseguir um visto de entrada e trabalho no Brasil. [...] Todos os dias passava em frente de nossa casa uma menina pequena e muito curiosa a caminho da escola. Tinha 12 anos e era filha de um general que morava algumas casas acima da nossa. Ela apareceu um dia e disse que queria aprender a língua alemã. O professor ficou impressionado com o pedido resolutivo e não conseguiu recusá-lo. Mais tarde, a menina seria professora titular de língua e literatura alemãs na Universidade Federal Fluminense. (Entrevista de Dora Schindel ao *Jornal de Minas*)

## Grupo Görgen

### Exilados em Juiz de Fora/MG



Hermann Mathias  
Görgen.

Retratos reproduzidos das fichas consulares de qualificação emitidas por  
Milton de Weguelin Vieira. Genebra, 1941.  
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.



Achim H. Fuerstenthal  
Fototécnico



Alfred Goldschmidt  
Tradutor



Alfred Mahlmann  
Mecânico



Alice Fehlmann  
Fotógrafa



Arnost Gieler  
Mecânico



Artur Tomberg  
Estatístico



Cécilie Lina Loeffel  
Doméstica



Dana Roda Becher  
Advogada



Dora Schindel  
Assistente químico



Elise Becher  
Doméstica



Elsa Ester Dinkelmann  
Doméstica



Erwin Wind  
Fotógrafo



Ester Raichmanas  
Estenodatilógrafa



FilippHórak  
Mecânico



Frantisek Weber  
Eclesiático



Gebhard Schmid  
Mecânico



Gerhard Metsch  
Assistente técnico



Grete Schadler  
Contabilista



Heinrich Beckmann  
Comerciante



H.GünterDinkelmann  
Técnico

*Vozes do Holocausto*



Jan Dorfmann  
Especialista em  
marroquins



Jan Gloss Engenheiro



Evelyn, Jan e Lilian Gloss  
[montagem]



Jan Grünbaum  
Engenheiro



Jan Lackler  
Engenheiro



Jaroslav Mariánek  
Mecânico



Jean J. Hoffmann  
Jornalista



Jiri Wassermann  
Músico



Josef Simonsicz  
Mecânico



Léopoldine Gefter  
Modista



Maria Schlesinger  
Datilógrafa



Marketa Gloss  
Contabilista

*Grupo  
Görgen*



Max Gefter  
Engenheiro



Otto Walter Kämpfer  
Tradutor



Pavel Philipp  
Contabilista



Peter Wygodzinsky  
Mecânico



Richard Becher  
Advogado



Suzanne Eisenberg  
Tradutora



Ulrich Becher  
Assistente Técnico



Valérie Gloss  
Doméstica



Waldemar Hálek  
Engenheiro



Waldtraut Jacobovics



Walter Altmann  
Empres. do Comércio



Walter Kreise  
Engenheiro

Retratos reproduzidos das fichas consulares de qualificação emitidas por Milton de Weguelin Vieira.  
Genebra, 1941.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

## *O círculo dos refugiados*

O contato com a cultura e a população brasileiras a partir de Juiz de Fora e seus arredores deve ter causado estranhamento aos exilados do Grupo Görgen, muitos dos quais eram renomados intelectuais formados em importantes universidades europeias e ativistas nas frentes de resistência antinazista. Entendemos que um primeiro impacto ocorreu diante da experiência de entender e falar uma nova língua: a língua do exílio, instrumento de comunicação em qualquer lugar do mundo. Com certeza, foi um longo aprendizado, pois, desde o momento do desembarque no porto do Rio de Janeiro, as coisas passaram a ser identificadas a partir de novas palavras, sons, sabores e aromas. Imaginamos que, para qualquer refugiado ou imigrante, esse não é um processo de fácil aceitação, pois o exílio implica traumas e perdas, impondo um árduo processo de transformação do eu diante do “outro”, do estranho. Como escrever e falar em outra língua, combinando letras e sons? Com quem conversar e em que lugar encontrar os seus pares, tão “párias” como eles? Não é por acaso que os refugiados, em distintos tempos históricos, entram em depressão, sentem melancolia e escrevem que “trazem um gosto amargo na boca”.<sup>A</sup>

As belezas tropicais vislumbradas pelos exilados do Grupo Görgen eram sedutoras, mas não suficientemente convincentes para criar raízes no Brasil das décadas de 1940 e 1950. A maioria pretendia retornar, vivendo melancolicamente “entremundos”. Exemplos dessa melancolia são alguns poemas antifascistas de Ulrich Becher (apud KLESTER,

A-Sobre a língua do exílio, é importante retomarmos alguns questionamentos com base nos escritos de Walter Benjamin, também exilado: “a linguagem é o lugar de todo ser, que ser é *ser-na-linguagem*... e, como consequência disso, que a língua humana é, para o homem, o lugar da experiência do ser, porém de um ser que não consegue entender-se como identidade. [...] Toda manifestação da vida espiritual humana pode ser concebida como uma espécie de linguagem e esta concepção implica – como todo método verdadeiro – múltiplos problemas” (cf. COLLINGWOOD-SELBY, 1997, p. 18; FLÜSSER, 2007).

p. 2011) que, em 1946, publicou “Pressentimento e promessa”, em que lamenta a sua Europa abandonada:

Chegará o dia/em que terei que te abandonar/Minha pátria Europa/Talvez eu tenha que  
tombar por tua liberdade, Europa [...] /Talvez eu vá embora, e singre os mares rubro-otonais  
por tua liberdade, Europa [...] /Jamais, no entanto, embriagado ou no túmulo, te deixarei,  
Europa, minha pátria.

Cada novo momento tornava-se um acontecimento que exigia enfrentamento, coragem, desapego e conscientização de que estava ocorrendo uma fratura, um rompimento com a sua pátria-mãe. Imaginamos que o Brasil – terra do exílio – assumiu a forma de um paraíso de intercâmbios modelado por experiências que implicavam um longo processo de aprendizagem. Mas nem todos pretendiam entregar-se totalmente, pois toda realidade estranha exige um exercício diário de entendimento. Ao mesmo tempo, essa realidade impõe transformação, deslocamento espiritual e reformulação dos paradigmas que modelam o imaginário coletivo e individual. Situação inevitável para aqueles homens e aquelas mulheres, adultos e crianças, oriundos de países tão civilizados como a Alemanha, Áustria, Tchecoslováquia, Hungria, entre outros. E como entender, em meio a tantos acontecimentos trágicos, a lógica da guerra, os espaços de exclusão, a industrialização da morte e as barbaridades cometidas pelos nazistas e por seus comparsas colaboracionistas?

Nesse cenário de paisagens – teatro dos sentimentos vivenciados pelos exilados do Grupo Górgen –, constatamos que nem todos permaneceram em Juiz de Fora. Não era fácil curar as feridas herdadas da violência nazista que exigiam longas noites de sono, nem sempre possível. O sentimento melancólico do exílio não descansa, assim como não desaparece facilmente, reanimando imagens do passado recente delineado pela epopeia da fuga e da degradação do ser humano em tempos sombrios. Talvez, por essas razões, o casal Becher e o engenheiro Kreiser tenham optado por transitar entre Teresópolis e Rio de Janeiro, cuja viagem fazia-se de trem. A convivência com Kreiser, certamente, inspirou Ulrich Bechera a criar o seu personagem Parisius da peça teatral *Samba* (KESTLER, 2003).

Os refugiados alemães, austríacos e franceses circulavam, principalmente, por Petrópolis, na região serrana fluminense, e pela capital do Rio de Janeiro, atraídos por

afinidades culturais, razões de fuga, posturas antifascistas e envolvimento com os grupos de resistência na Europa das décadas de 1930 e 1940. Por esses mesmos caminhos transitavam os franceses Fortunato Strowski e Georges Bernanos,<sup>A</sup> o exilado espanhol Rafael Alberti, os alemães Ernst Feder, Leopold Stern, Richard Katz e Willy Keller, os austríacos Karl von Lustig-Prean, Otto Maria Carpeaux, Paul Frischauer e Stefan Zweig. Por exemplo, o casal Becher, após a chegada ao Rio de Janeiro, teve aulas de português com a esposa de Otto Maria Carpeaux e, em 1943, transferiu-se para São Paulo, graças à ajuda de Karl von Lustig-Prean, líder da Associação Alemães Livres, e Hebert Baldus, amizade que possibilitaram a Ulrich Becher publicar textos no jornal *O Estado de S. Paulo*, na revista mexicana *Freies Deutschland* [*Alemanha Livre*] e na revista argentina *Das andere Deutschland* [*A outra Alemanha*] (KLESTER, 2003, p. 78-79).

Todos circulavam impulsionados por suas referências culturais, por seus estranhamentos e em busca de novas oportunidades profissionais. Daí as constantes viagens pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, onde alguns se estabeleceram, como aconteceu com Suzanne Bach e Walter Kreiser. O engenheiro e jornalista Walter Kreiser (1898-1958), por exemplo, adentrou o estado do Paraná e integrou-se à população local, onde criou raízes, deixando um importante legado para as cidades de Maringá e Umuarama. Atendendo ao convite de Johannes Schauff – refugiado em Rolândia e articulador dos “negócios triangulares” que também salvou muitos judeus –, Kreiser foi trabalhar na Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Nesse estado, a

A-O escritor e jornalista francês Georges Bernanos (1888-1948), católico, monarquista e filiado ao Movimento França Livre, desembarcou no Rio de Janeiro em setembro de 1938, com 50 anos, e já consagrado como autor dos romances como *Sob o sol de Satã* (1926) e *Diário de um pároco de aldeia* (1936). Pretendia criar gado e fundar uma colônia francesa no Brasil, projeto que consistia em adquirir várias fazendas e mudar-se muitas vezes, passando por Itaipava e, de lá, para Juiz de Fora (Fazenda Santa Inês), Pirapora (MG) e Vassouras (Fazenda Cataguá). Foi na Fazenda Cruz das Almas, em Barbacena, que viveu exilado entre 1940 e 1945, e onde recebeu o escritor austríaco Stefan Zweig, radicado em Petrópolis, pouco antes de este se suicidar em companhia da esposa Lotte, em 1942.

partir de 1941, participou da elaboração do plano urbanístico moderno da cidade de Maringá.<sup>A</sup>

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso: Walter KREISER

Admitido em território nacional em caráter: permanente

Nos termos do art. 24 - letra - do dec. n. 2.010, de 1938

Lugar e data de nascimento: Heilbronn, 10. / 1. / 1898

Nacionalidade: Alemão Estado civil: solteiro

Filiação (nome do Pai e da Mãe): Louis Kreiser e Marie Hauth

Profissão: engenheiro

Residência no país de origem: Não tem.

FILHOS MENORES DE 18 ANOS: \_\_\_\_\_

Passaporte n. 565/40 expedido pelas autoridades de Consulado da Tchecosl. Marselha, na data. 20 de Agosto 1940, visado sob n. 10, em 18 de Janeiro de 1941.

ASSINATURA DO PORTADOR: Walter Kreiser

SELO CONSULAR: \_\_\_\_\_

Consulado: Geral do Brasil em Genebra.

18 de Jan. de 1941

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à aduana pela autoridade consular, sendo os dados nela em conformidade com os do passaporte.

Ficha consular de qualificação de Walter Kreiser emitida pelo consulado-geral de Genebra, em 18 de janeiro de 1941. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.



Walter Kreiser (terceiro a partir da esquerda), um dos refugiados do Grupo Görgen, durante a inauguração da Padaria e Confeitaria Arco-Íris, em Maringá, 1º de novembro de 1947. Fotografia não identificada.

Disponível em: <<http://www.maringahistorica.com.br/2009/10/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

Suzanne Eisenberg tornou-se uma importante mediadora cultural e abriu portas para a exportação de livros brasileiros

A-Walter Kreiser (Heilbronn, Alemanha, 1898; Maringá, Paraná, Brasil, 1958) destacou-se como projetista de aeronaves, urbanista, jornalista e pacifista. Atuou como observador voluntário de artilharia durante a Primeira Guerra Mundial e aposentou-se em 1919 como guarda do serviço militar, voltando a viver em Heilbronn. Estudou tecnologia de aeronaves na Universidade Técnica de Stuttgart (1923), tornando-se um dos pioneiros no desenvolvimento de helicópteros na Alemanha, e foi correspondente esportivo de jornais alemães, como *Stuttgarter Tageblatt*, *Berliner Tageblatt*, *Die Weltbühne*, *Sonntagszeitung*, usando os pseudônimos de Konrad Widerhold e Heinz Jäger. Atuou também como pacifista na Liga Alemã de Direitos Humanos. Em 1929, Kreiser publicou o artigo “Windiges aus der deutschen Luftfahrt” [“Fatos supeitos na Aeronáutica alemã”] na conceituada revista *Weltbühne*, da República de Weimar. Em 23 de novembro de 1931, ele e o editor Ossietzky foram condenados por traição a 18 meses de prisão, sentença que forçou Kreiser a fugir para a França, onde publicou detalhes do processo na revista pacifista *The Other Germany* e no jornal *L'Echo* de Paris, possivelmente em colaboração com Friedrich Foerster. Em 29 de março de 1934, o *Reichsanzeiger* alemão incluiu o nome de Kreiser na segunda lista de expatriação do *Reich*. Da França fugiu para a Suíça e, em 1941, exilou-se no Brasil como um dos integrantes do Grupo Görgen, transitando entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro, Rolândia e Maringá (norte do Paraná) (KLESTER, 1992).

para o exterior. Pela sua autobiografia, já analisada por vários estudiosos do exílio, a vida de Suzanne foi marcada por conquistas e dificuldades que, certamente, contribuíram para torná-la uma mulher forte, arrojada para a sua época. Nascida em Munique, em 29 de janeiro de 1909, filha de Félix Eisenberg e Erna Gunter, Suzanne concluiu o doutorado em Línguas Romanas em 1932, estudando com Karl Vossler, época em que conviveu com Dana Roda. Nesse mesmo ano, fugiu para Paris onde passou a trabalhar na Librairie Droz e engajou-se no Comité International pour Le Placement des Intellectuels Réfugiés.<sup>A</sup> Como membro dessa frente de resistência pela liberdade, foi presa e internada grávida no campo de Gurs em 1940, após a ocupação de Paris pelos nazistas. Como já vimos, foi libertada graças à intervenção de Hermann Görgen que a trouxe para o Brasil, onde recomeçou uma vida circulando entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro.

Susanne Eisenberg desembarcou grávida no Brasil e, de imediato, ficou sob os cuidados das irmãs da Congregação Santa Catarina, alemãs radicadas em Petrópolis, que a ajudaram no parto em agosto de 1941, quando nasceu Katharina Isabel, batizada por Dana e Hermann Görgen. O fato de dominar as línguas românicas e falar espanhol favoreceu sua adaptação no Brasil. Para garantir uma vida digna no exílio, passou a trabalhar no Rio de Janeiro como secretária, tradutora e livreira, até ser contratada pela Livraria Kosmos, fundada por Erich Eichner e o também refugiado austríaco Norbert Geyerhahn em 1935. É importante lembrar que as livrarias eram pontos de referência para os exilados que, naquele meio, retomavam seus contatos com a cultura europeia, além de adquirirem livros e reconstruírem

A-O Comité International pour Le Placement des Intellectuels Réfugiés teve um importante papel durante os momentos difíceis enfrentados pelos refugiados na Europa, principalmente os judeus perseguidos pelo nazismo. No arquivo do Museu Lasar Segall em São Paulo, identificamos uma importante correspondência de Segall com esse comitê datada de 2 de novembro a 17 de dezembro de 1939, período em que tentava salvar dois amigos: Victor Rubin e Abraham Scheptowitzky. Para obter mais informações, ver Carneiro e Lafer (2004, p. 64-67).

suas bibliotecas que não puderam trazer na bagagem. Para alguns, como os Becher, a livraria servia como caixa postal e, para outros, como ponto de encontro em que se trocavam notícias acerca de refugiados recém-chegados. Em 1944, as memórias de Susanne Eisenberg foram publicadas em francês, com o título *À la recherche d'un monde perdu*. Esse livro, somado a outras tantas biografias, permite a escrita de uma crônica histórica sobre a perseguição e exclusão aos judeus na Alemanha e nos países ocupados (cf. EISENBERG-BACH, 1983, 1985).

Após a guerra, Suzanne voltou para a Europa e, em 1948, resolveu emigrar definitivamente para Brasil, indo morar no apartamento que havia sido ocupado pelo amigo, pintor e gravador Axl Leskoschek, que retornara para a Áustria. A partir de 1952, passou a assinar como Suzanne Bach ao contrair casamento com Jean Bach, sobrevivente do campo de concentração Mauthausen e que, radicado no Brasil, trabalhava no comércio de pedras preciosas. Foi nesse momento que Suzanne criou a primeira livraria científica e internacional do Rio de Janeiro, direcionada para a exportação de livros de autores brasileiros. A ela juntou-se Alfred (Fred) Goldschmidt, também integrante do Grupo Görgen.

## ***O legado de Görgen para o Brasil***

Infelizmente, a memória se esvai com o tempo. Raros são os testemunhos que ficaram para compor um monumento. No lugar onde funcionou a pequena fábrica, nada mais resta da pequenina casa que serviu como posto de trabalho aos exilados. O mesmo aconteceu com a residência onde viveu o professor Görgen, na Rua Benjamin Constant, também no centro da cidade. Hoje, naquele lugar, apenas os prédios residenciais que nada guardam dessa memória.

Tanto a comunidade judaica como a cultura brasileira devem muito ao filósofo Hermann Mathias Görgen, assim como aos refugiados que com ele desembarcaram em terras brasileiras. Durante o período de exílio, Hermann e a companheira Dora viveram na solidão e no ostracismo, reclusos no sítio Borboleta, onde cuidavam da horta e do pomar com metodologia científica, cujos produtos forneciam aos mercados da cidade. Görgen foi um dos criadores

da Faculdade de Ciências Econômicas e seu professor por muitos anos. Görden publicou também uma série de obras sobre o Brasil e a América Latina, entre as quais: *Brasilien*, em 1971, e *500 Jahre Lateinamerika: Licht und Schatten*, em 1993.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Dora continuou como principal parceira de Görden na missão de ampliar os laços entre a Alemanha e o Brasil, “como forma de gratidão”. Eles criaram, em 1960, a Sociedade Brasil-Alemanha (DBG, da sigla alemã), que mantém contato com instituições e empresas dos dois países até hoje. Um dos atuais diretores da entidade no Rio de Janeiro, Ulrich Spohn, ressalta a paixão e o empenho de Hermann e Dora para a ligação das duas nações. “Görden dedicou grande parte de sua vida para fortalecer esses laços. Foi uma pessoa que ao longo da vida conseguiu fazer muitos contatos importantes e que tinha um lado social muito impressionante, com uma paixão enorme pelo Brasil. A obra que eles deixaram permanece até hoje”, diz Spohn, que chegou ao Brasil na década de 1970.



Recepção ao Dr. Hermann Mathias Görden (ao centro, segundo à direita), presidente da Sociedade Teuto- Brasileira Bonn-Alemanha, no Aeroporto do Galeão. Ao seu lado, estão: Necésio Toste Tavares (primeiro reitor eleito da Universidade Federal de Juiz de Fora que não tomou posse) e Dager Moreira Rocha. Rio de Janeiro, s.d.

Fotógrafo não identificado.

Imagem cedida por Luiz Carlos Torres Martins ao Centro de Documentação da Memória - UFJF. Pesquisa: Leandro Pereira Gonçalves, Marcos Olender e Maria Cunha de Faria- UFJF.

Görden faleceu no dia 9 de maio de 1994, em Bonn, na Alemanha, e em sua lápide está escrito “Aqui jaz um amigo do Brasil”, expressando seu eterno agradecimento ao país e à cidade que o acolheu como fugitivo do nazismo. O espólio de Hermann Matthias Görden encontra-se no Arquivo do Exílio Alemão da Biblioteca Alemã de Frankfurt am Main. Dora Schindel, sua fiel companheira de fuga e exílio, faleceu aos 102 anos, em 11 de janeiro de 2018, uma das últimas testemunhas do Grupo Görden. Dora esteve durante muitos anos associada

ao Arquivo do Exílio Alemão 1933-1945 da Biblioteca Nacional alemã como testemunha daqueles tempos sombrios

A-Importante artigo de autoria da historiadora Marlen Eckl, sob o título “Mulheres do ‘Grupo Görgen’” será publicado no livro *Mulheres subversivas, mulheres fora da ordem*, organizado por Tucci Carneiro (no prelo).



Dora Schindel diante da exposição em sua homenagem organizada pela Deutsche National Bibliothek, em Frankfurt.

Disponível em: <[http://www.dnb.de/DE/DEA/Nachrichten/nachrichten\\_node.html](http://www.dnb.de/DE/DEA/Nachrichten/nachrichten_node.html)>. Acesso em: 2 set. 2018.

do nazismo.<sup>A</sup>

Além de Mathias Görgen e Dora, tornaram-se influentes no município de Juiz de Fora os refugiados e Max Gefter e Franz Joseph Hochleitner. Max Gefter assumiu a regência da Sociedade Filarmônica de Juiz de Fora. Sob a sua batuta, o jovem pianista Edmundo Villani-Cortês apresentou-se pela primeira vez em 1955, no Cine Teatro Central da cidade. Gefter faleceu na década de 1960. Franz Joseph Hochleitner nasceu em 30 de abril de 1916, em Salzburg. Formado em Ciências Aplicadas, ingressou em 1936 na Theresian Military Academy, em Wiener Neustadt, no curso de Informação e Comunicação Militar. Em 1938, com a anexação da Áustria ao *Terceiro Reich*, foi incorporado como oficial no regimento especial da Luftwaffe, Força Aérea alemã, com o intuito de criar, treinar e aperfeiçoar métodos avançados de radiocomunicação. Em 1941, veio para o Brasil como

*Hermann Mathias Görden*

membro do Grupo Görden para participar do pseudoprojeto da Intec em Juiz de Fora. Com espírito investigativo suscitado pela leitura da obra de Edmund Kiss sobre a cosmogonia glacial e de Hans Hörbiger, publicou, em 1957, o artigo “A Porta do Sol de Tiahuanaco: ensaio de decifração de seus ideogramas” no jornal *Diário Mercantil* de Juiz de Fora. Em 1986, propõe a instituição do Setor de Arqueoastronomia, que mais tarde, com a ampliação

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pórtico de destino

Nome por extenso Max Geffer  
Admitido em território nacional em caráter permanente  
(temporário ou permanente)  
Nos termos do art. 24 letra --- do dec. n. 3.010, de 1938  
Lugar e data de nascimento Vienna, em 10 / Out. / 1901  
Nacionalidade tcheco Estado civil casado  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Bernhard Geffer e Maria Jarzaig. Profissão engenheiro  
Residência no país de origem Não tem.

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 661---- expedido pelas autoridades de Consulado da Tchecosl. em Marselha, na data 30 de Agosto de 1940, visado sob n. 39, em 7 de Fevereiro de 1941.

ASSINATURA DO PORTADOR: *Max Geffer*

Consulado Geral do Brasil em Genebra, 7 de Fev. de 1941  
O CONSUL: *Milton de Weguelin Vieira*  
Milton de Weguelin Vieira  
Consul Geral

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pórtico de destino

Nome por extenso Suzanne EISENBERG  
Admitido em território nacional em caráter permanente  
(temporário ou permanente)  
Nos termos do art. 24 letra --- do dec. n. 3.010, de 1938  
Lugar e data de nascimento Munich, em 29 / Jan. / 1909  
Nacionalidade tcheca Estado civil solteira  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Felix Eisenberg e Erna Guther Profissão tradutora  
Residência no país de origem Não tem.

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 32 - 1940 expedido pelas autoridades de Delegação da Tchec. em Genebra, na data 10 de Julho de 1940, visado sob n. 75, em 28 de Fevereiro de 1941.

ASSINATURA DO PORTADOR: *Suzanne Eisenberg*

Consulado Geral do Brasil em Genebra, 28 de Fev. de 1941  
O CONSUL: *Milton de Weguelin Vieira*  
Milton de Weguelin Vieira  
Consul Geral

Nota - Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original

Fichas consulares de qualificação de Max Geffer e Suzanne Eisenberg com vistos emitidos pelo consulado-geral do Brasil. Genebra, 7 e 28 de fevereiro de 1941, respectivamente.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

das atividades, veio a se constituir o Museu de Arqueologia e Etnologia Americana (Maea). Em 2005, a trajetória do professor foi contada no livro *Memórias autobiográficas de Franz Joseph Hochleitner*, publicado pela Editar Editora Associada. Faleceu em 11 de julho de 2017 aos 101 anos de idade.

Suzanne Bach, por sua vez, tornou-se a mediadora cultural e espiritual dos refugiados ao oferecer um teto àqueles que, assim como ela, careciam de livros e de um ponto de encontro com a cultura. Para a maioria desses fugitivos do nazismo, o Brasil era apenas um país de passagem, pois o objetivo era alcançar os Estados Unidos. O exílio no Brasil significava o isolamento e a perda de vínculos com a civilização europeia, simbolizando um árduo processo de empobrecimento por não conseguirem se expressar na língua materna, nem publicar seus escritos. Em 1944, publicou no Brasil um livro de memórias, *A la recherche d'un monde perdu* e, em, 1991, a autobiografia *Karussell. Von München nach München*, em que fala da experiência no exílio e da longa permanência no Brasil.

Suzanne Bach tornou-se conhecida por arquivar textos e obras produzidos pelos refugiados exilados no Brasil, assim como por seus estudos sobre Stefan Zweig e pelas traduções para o alemão das citações portuguesas e francesas do livro *Brasil. Um país do futuro*. Em 1983, após a morte precoce da filha, Susanne Bach, então com 70 anos, retornou para Munique onde viviam seus netos. Até sua morte em 10 de fevereiro de 1997, jamais perdeu os laços pessoais e profissionais com o Brasil, deixando como legado o seu acervo de raridades à Deutsches Exilarchiv der Deutschen Nationalbibliothek, de Frankfurt am Main.

Importantes vestígios na cultura brasileira foram deixados pelos integrantes do Grupo Görger cujas escolhas devem ser consideradas, assim como os seus olhares carregados de significados metafóricos. Ainda que muitos dos escritores exilados tenham incorporado em seus escritos a alegria de viver em liberdade, também expressaram, por meio de seus silêncios, os vazios produzidos pelo “mal-estar na civilização”, tão bem diagnosticado por Freud. Em muitos casos, o silêncio (assim como a pausa musical) é uma metáfora para o sentimento de viver entremundos. Dizem respeito à construção de uma comunidade imaginada no exílio que, infelizmente, nem sempre foi percebida por alguns que optaram pelo suicídio, como aconteceu com Walter Benjamin e Stefan Zweig. Ainda que distante da violência nazista, muitos exilados continuam a viver enjaulados, encapsulados em si mesmos,

aguardando o retorno da razão. Devemos considerar que o exílio tornou-se para muitos uma insônia crônica, cuja profilaxia estava no retorno à terra-mãe. É essa subjetividade errante, desoladora, que marca o perfil dos exilados do Grupo Görger, que nem sempre deixaram de viver como sujeitos divididos, sem digerir o caos provocado pela guerra e pelo Holocausto. Esse é o ensinamento a ser considerado, para além do legado cultural, quando vislumbramos os novos refugiados em pleno século XXI.